
Entre saber viver e a morte que ronda: o Covid entre os povos indígenas de Rondônia

ADRIANE PESOVENTO*

KHÁYO DJEMES BINAS DA PURIFICAÇÃO**

Resumo

Este estudo originou-se das investigações realizadas no âmbito do curso de especialização em Gênero e Diversidade na Escola. A pesquisa dialoga com os saberes indígenas, suas percepções acerca da morte e a alteridade no que diz respeito a visão ocidental de ocupação territorial e cosmologia. A metodologia adotada é de cunho sócio-histórico, com levantamento de informações sobre a contaminação pelo COVID – 19 entre os povos indígenas no período de um ano (2020 – 2021) junto aos portais eletrônicos e mídias digitais. As reflexões estão amparadas em autores como VIVEIRO DE CASTRO (2006) e GARNELO; BUCHILLET (2006) e MONDARDO (2020). Os resultados parciais demonstram que a contaminação entre os indígenas, ainda que vivendo em aldeias é significativamente superior em relação à sociedade envolvente e que os saberes-viveres sobre doença, vida e morte entre os indígenas tem muito a ensinar a sociedade abrangente que insiste agir em oposição a modelos mais saudáveis de existência.

Palavras-chave: *saberes indígenas; indígenas de Rondônia; doença; COVID 19.*

* Graduada em História (UFMT), Mestre em História (UFMT), Doutora em Educação (UFMT). Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia – Campus Rolim de Moura.

** Graduado em História (UNIR), Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (UNIR). Professor da Educação Básica.

1 Introdução

Para a comunidade ocidental doença está ligada aos males do corpo, o que faz o sujeito de definhar. Também é muito falado que a depressão é a doença do espírito, mas não é algo metafísico é mais ligado ao psicológico de quem a sofre. Neste trabalho, conceituaremos doença para os indígenas e a doença de branco, ou, não índio. Para os povos indígenas e sociedade abrangente o significado é diferente.

Para compreender a doença na perspectiva indígena valemos-nos de obras que versam sobre o tema e adotam a cosmologia de dois grupos étnicos Baniwe e Desana do estado do Amazonas no alto rio Negro, que se assemelham com os conceitos de doença para os povos tradicionais de Rondônia.

De forma geral doença para os indígenas não está ligada diretamente ao corpo e sim ao espírito, a doença que faz mal ao espírito gera consequência ao corpo podendo levar a morte. As doenças do espírito fazem parte da cosmologia, e a criação mítica do universo:

Os Baniwa, como outras sociedades indígenas amazônicas, concebem a doença como parte indissolúvel das relações políticas travadas no plano humano ou cósmico. A causalidade da doença costuma ser atribuída às disputas intra e intercomunais e/ou com seres-espíritos que interagem agressivamente com os humanos. Essa 'política da doença' (Albert, 1988), instituída na ancestralidade, permanece reproduzindo-se nos dias atuais e fornece o nexos explicativo inclusive para as doenças oriundas do contato interétnico. A capacidade de gerar, evitar ou curar as doenças é produto de um ativo aprendizado que visa à acumulação de poder (*malikai*) capaz de transformar magicamente as relações sociais e cósmicas. Saber e poder são faces indissociáveis de uma mesma realidade e seu acúmulo é viabilizado através de rígidas disciplinas corporais e espirituais que exercitam o autocontrole dos impulsos, da sexualidade,

do apetite e da agressividade. Diversos eventos patológicos são desdobramentos indesejados do uso abusivo de malikai, gerando perda de controle da agressividade, doença e morte (GARNELO; BUCHILLET, 2006, p. 235).

As relações entre os indivíduos, a natureza e a cosmologia conectam as relações entre as doenças que surgem, entre outros pontos, derivam dos conflitos com entidades míticas e no cotidiano da comunidade as disputas de poderes entre gêneros ou até mesmo com seus deuses fazem com que sujam as variações das doenças:

Entre os Baniwa que habitam no rio Içana e seus afluentes no Brasil, a eclosão e a reprodução da doença estão correlacionadas com os temas de criação e destruição do mundo e dos seres que nele vivem. Dessa forma, classificar e diagnosticar doenças demanda o conhecimento dos ciclos míticos que tratam do surgimento e da organização do cosmos, da humanidade e da instauração das regras que regulam as relações entre os humanos e instituem os fundamentos da vida social atualmente vigente. A cura remete à instauração de estratégias de resolução de conflitos que ameaçam a ordem cósmica e social, fundada na hierarquia e troca de bens e serviços entre consangüíneos e afins, jovens e velhos, homens e mulheres (GARNELO; BUCHILLET, 2006, p. 233).

As doenças de espírito para os Desana estão sempre relacionadas a um erro do indivíduo, e se apresenta com sintomas vagos “febre, dor no corpo, tonteira, inchaço localizado, vômitos, pesadelos, sonhos recorrentes, desordens digestivas, etc” (GARNELO; BUCHILLET, 2006, p. 246). Geralmente se dá por ingestão de um alimento que não poderia ingerir naquele determinado momento, por estar em etapas da vida puberdade, parto ou morte, “[...] ou nos períodos rituais, desrespeito das regras de preparo da carne de caça, uso abusivo de plantas mágicas para caçar ou pescar ou, ainda, sobre-exploração de uma determinada espécie de caça

ou peixe [...]” (GARNELO; BUCHILLET, 2006, p. 246). Mas essas doenças não aparecem assim que foram ingeridos os alimentos, a ingestão deixa a pessoa vulnerável tornando-as suscetível aos males.

Outra forma de contrair doenças do espírito para os Desana e algumas comunidades amazônicas está ligada a origem do mundo e dos humanos. “Os Desana costumam dizer que os pré-ancestrais da humanidade tinham o poder de criar e de se transformar em outros seres, habilidade que eles teriam perdido com sua transformação definitiva em seres humanos” (GARNELO; BUCHILLET, 2006, p. 247). E aqueles que não perderam essa habilidade permanecem animais místicos e por eles terem inveja da condição humana causam doenças. “Por não terem obtido a condição plena de ser humano, esses seres-espíritos (e animais) guardaram uma grande hostilidade em relação aos humanos, agravada pelo fato de serem hoje a sua presa e comida” (GARNELO; BUCHILLET, 2006, p. 247). Essa agressividade se apresenta em momentos vulneráveis como na menstruação das mulheres, parto e pós-parto, pois os espíritos entendem que a fertilidade e o parto podem causar superioridade numérica.

Também existe as doenças e morte por feitiçarias que se dividem em algumas variações sendo ela envenenamento podendo causar “[...] desordens digestivas, tosse, expectoração cheia de sangue, perda de apetite, emagrecimento e outros [...]” (GARNELO; BUCHILLET, 2006, p. 248). Encantamentos que também é conhecido como sopro “[...] que são recitadas secretamente, olhando para a futura vítima, ou em cima de um cigarro que é depois acendido, no caso de ela encontrar-se geograficamente distante [...]” (GARNELO; BUCHILLET 2006, p. 249). Tais sopros podem causar:

[...] tumor no seio, íngua na ausência de ferida, cólica menstrual, por exemplo. Certas doenças infecciosas, como a malária, a tuberculose ou a diarreia com sangue, são atribuídas a essa forma de feitiçaria. Sopros específicos podem também des-

figurar uma pessoa e interferir na capacidade procriativa de uma mulher, causando a sua esterilidade, dificultando o parto, fazendo-a abortar repetidamente, dar à luz somente crianças de sexo feminino, crianças mortas ou com algum defeito físico, fazendo a mãe morrer no parto ou logo depois (GARNELO; BUCHILLET, 2006, p. 249).

É recorrente nas cosmologias indígenas amazônicas a relação do branco com calor ou a arma de fogo, geralmente eles são um parente distante podendo ser um cunhado ou mantendo uma outra relação parental não tão próxima.

As doenças de branco apresentam um caráter febril relacionado a proximidade do branco com o calor, “[...] um dos principais pontos de união entre as chamadas doenças de branco é seu caráter transmissível e os sintomas febris da maioria delas” (GARNELO; BUCHILLET, 2006, p. 241). Tendo como suas principais características o alto poder de transmissão. “A natureza contagiosa das doenças de branco condiz com a concepção mitológica dos brancos e dos objetos manufaturados” (GARNELO; BUCHILLET, 2006, p. 251). Sendo assim as doenças de branco estão relacionadas aos seus objetos, e seu alto poder de transmissão, pois doenças de índios não passam de um para outro.

A morte nem sempre foi um tabu entre os ocidentais, a algum tempo não se tinha este estigma que tem entorno da morte, mas hoje ela é vista como o fim, algo que causa muito transtorno e mexe com emocional das pessoas. Na tradição judaico-cristã, é ensinado que a morte é o descanso e a espera do seu Deus. Para muitos dos coletivos indígenas da Amazônia não é um tabu e não causa medo, o que lhes causam medo são os mortos, por que mesmo depois da morte eles continuam existindo:

A distinção fundamental entre os vivos e os mortos passa pelo corpo e não, precisamente, pelo espírito; a morte é uma catástrofe corporal que prevalece como diferenciador sobre a comum ‘animação’ dos vivos e dos mortos. As cosmologias

ameríndias dedicam igual ou maior interesse à caracterização do modo como os mortos veem o mundo que à visão dos animais, e, como no caso destes, comparam-se em sublinhar as diferenças radicais em relação ao mundo dos vivos. Os mortos, a rigor, não são humanos [i. e., membros da espécie humana], estando definitivamente separados de seus corpos. Espírito definido por sua disjunção com um corpo humano, um morto é então atraído logicamente pelos corpos animais; por isso, morrer é se transformar em animal, como é se transformar em outras figuras da alteridade corporal, notadamente os afins e os inimigos. Desta forma, se o animismo afirma uma continuidade subjetiva e social entre humanos e animais, seu complemento somático, o perspectivismo, estabelece uma descontinuidade objetiva, igualmente social, entre humanos vivos e humanos mortos (CARELI apud CASTRO, 2014, p. 55).

Sendo assim para os indígenas a morte não é um fim, mas sim um recomeço, mesmo que não seja em um corpo vivo, mas ainda assim não deixa de se viver. Os mortos podem viver em um outro plano como um espírito ou se transformar em um animal que se relaciona com os vivos mantendo uma relação de inimigo, pois os mortos invejam os vivos.

2 Saberes e doenças: resistencia e resiliência em tempos de pandemia

Desde o fim de 2019, passamos por algo novo, uma epidemia de Coronavírus que rapidamente tomou o mundo tornando-se a maior pandemia dos últimos 100 anos. Uma doença nova, não se conhece ao certo o tratamento e o poder de dispersão do vírus, a falta de um remédio eficaz, a demora na imunização da população, o negacionismo por parte do Governo Federal e parte da popula-

ção geraram um ambiente perfeito para instauração do caos. Em terras brasileiras está novamente acontecendo o que os indígenas sofreram durante o contato?

Há mais de 500 anos as comunidades indígenas vivem uma eterna guerra, ao chegar os primeiros europeus no continente que posteriormente foi chamado de americano, iniciou uma guerra, neste caso podemos chamar de “o início do holocausto indígena”, antes mesmo de começar as chacinas e ataques com as armas, começou a guerra invisível, vírus e bactérias matavam indígenas sem dar chances de defesa. Gripes, salmonelas e outras moléstias acometiam os que aqui estavam. Para a população do velho mundo esses tipos de doenças eram conhecidas, mas aqui não havia imunidade:

Nós estamos 521 anos, de resistência, resistindo a cada acontecimento, nada é fácil para a gente e para ninguém, mas para nós povos indígenas, para nós mulheres indígenas, acho que estamos superando bastantes desafios. Por que para a gente existir, sobrevive e resistir ao massacre que os povos viveram no passado, e hoje passando por outro massacre e abandono do governo brasileiro e a falta de política pública. Acredito que a gente está com uma boa resistência ainda (LEONICE TUPARIO, 2021)***

A guerra viral e bacteriológica não perdoa quem não tem imunidade e foram exterminadas diversas nações indígenas por um “simples contato”. Para os indígenas não é uma novidade não ter imunidade e ver comunidades inteiras morrem ao chegar um novo vírus, a pandemia da COVID-19, é mais um capítulo dessa longa história de massacre e resistência que eles enfrentam durante suas jornadas. De forma intencional e/ou não foram aniquiladas, varíola, sarampo, gripe e outras sempre foi um problema. Mas qual é a

*** Fala da Leonice Tupari no evento Diálogo Intercultural - Povos indígenas e a COVID-19, organizado pelo Instituto Federal de Rondônia- IFRO campus Cacoal, disponível na plataforma do You Tube.

diferença hoje? No Brasil há um salvo-conduto, com estímulos aos madeireiros e grileiros de terras, depois de 2018, quando o atual presidente assumiu, estes que lucram com as derrubadas das florestas se sentiram seguros em adentrarem as terras indígenas e essas entradas renovam o ciclo que iniciou durante o contato, mais um vírus adentra os coletivos indígenas e matando sem distinção. “Nós estamos sofrendo com a pandemia do novo Coronavírus, mas não é só isso, também tem outro vírus, os invasores do nosso território, esse é um vírus muito maior e está aí matando a muito tempo nossos parentes, não é só a COVID, que está acabando com nós” (LEONICE TUPARI, 2021). O massacre destes povos se dá em várias frentes, o governo que não dá assistência e o responsável pela gerência da Fundação Nacional do Índio na atualidade não o faz de maneira eficiente e eficaz, grupos diversos derrubam e queimam as florestas, não obstante indígenas são assassinados em conflitos abertos ou não. Além disso, outra arma letal entra nas terras: o COVID e junto a desinformação que é disseminada, vejamos o que diz Leonice:

Ainda vem aí a contribuição de povos que vivem em território indígena quem não trazem nada de bom para nós indígenas, como por exemplo, os projetos que pensam diferente de nós. Dizer para nós que não podemos tomar a vacina por que vamos sofrer mutação, vamos virar besta fera, isso tudo traz um grande impacto para nós povos indígenas (LEONICE TUPARI, 2021).

2.1 Um novo combate e uma velha luta: o combate a pandemia nas terras indígenas

Vivemos em meio a pandemia a mais de um ano, passado o susto inicial e a falta de conhecimento, conseguimos enxergar os impactos da COVID-19, nas comunidades tradicionais ou não, a morte a pesar de ser algo triste e pesado de se enfrentar é um fato, as pessoas estão morrendo, falta hospitais e políticas públi-

cas, muitas comunidades indígenas não estão assistidas e não há médicos suficientes nas aldeias, do mesmo, para sociedades envolventes.

Com todas essas dificuldades os povos tradicionais estão se organizando para combater a pandemia em seus territórios, uma das estratégias adotadas para o “[...] enfrentamento da propagação do vírus, como o fechamento temporário das aldeias por meio de barreiras sanitárias, do tipo barricada, algumas com tendas de lonas, controlando o acesso às terras indígenas” (MONDARDO, 2020, p. 82). Assim pode se controlar o fluxo de pessoas que entram e saem dos territórios, fazendo assim seu isolamento social:

No entanto, além das estratégias de enfrentamento, a pandemia tem contribuído para a disseminação do medo e até do ódio contra os povos indígenas e comunidades tradicionais. Observamos nas redes sociais as crescentes manifestações de ódio contra esses povos, estimuladas por discursos de determinadas autoridades. Os ataques podem ser vistos, por um lado, como uma atitude de autodefesa no quadro pandêmico, mas que no fundo revelam o histórico apartheid, o racismo e a desigualdade social engendrada por territórios exclusivistas de não indígenas, de autofechamento e até moldados por uma lógica eugenista de eliminação do Outro (MONDARDO, 2020, p. 83).

Povos que historicamente sofrem com o preconceito o veem acentuar durante a pandemia. “A pandemia gerou uma perversidade na reconfiguração dos territórios indígenas. A conjugação do quadro neoliberal e pandêmico potencializou a violência contra os povos e comunidades tradicionais” (MONDARDO, 2020, p. 84). O desmonte dos órgãos de fiscalização no atual governo favoreceu essa violência, sem a fiscalização os povos tendo de entrar em conflito com os invasores para proteger seus territórios:

Mesmo com a acentuação da violência no campo, os indígenas estão se organizando, pois a cada novo ataque genocida do governo, esses povos formam “novos guerreiros” e adotam

novas estratégias de luta articuladas às múltiplas escalas espaciais. Diante dos ataques das políticas genocidas do estado e do contexto de pandemia é importante destacar uma nova estratégia de luta adotada com a realização da 16ª edição do acampamento terra livre online, no período de 27 a 30 de abril de 2020, organizado pela articulação dos Povos indígenas do Brasil. Foram transmitidos encontros, reuniões, pajelança, cantos, danças tradicionais, mostra de filmes e debates. O evento visou a proteção dos povos indígenas, uma vez que a grande mídia não mostra a situação de vulnerabilidade territorial dos mesmos no contexto pandêmico. Frente à negligência do Estado brasileiro, os indígenas estão construindo, virtualmente, redes de colaboração e de visibilidade, fazendo denúncias e trazendo as pessoas para um olhar de solidariedade, de ajuda e de diálogo (MONDARDO, 2020, p. 86).

Estas organizações entre os povos indígenas fortalecem o enfrentamento nas aldeias, coletivos de mulheres indígenas se reúnem para confeccionar máscaras para proteção na comunidade, também fazem falas em eventos online para divulgar a luta dos coletivos, arrecadam alimentos e matérias de higiene para distribuir. Esses eventos reforçam a organização nas comunidades e criam redes para a troca de conhecimento e estratégias para enfrentar a pandemia. Uma ação que destaca entre as demais ocorre no estado de Mato Grosso na terra indígena do Xingu:

Devido ao tratamento desigual de saúde no Brasil, desde março deste ano, o povo Kuikuro da aldeia Ipatse, do Parque indígena do Xingu, estado do Mato Grosso, se mobiliza para criar uma estratégia própria de combate ao novo Coronavírus. Com recursos oriundos de campanhas de doações realizadas pela internet, esses indígenas contrataram uma médica e um enfermeiro para permanecerem no território e atuarem no combate à COVID-19 com medidas de prevenção organizadas pelos próprios indígenas. Uma grande oca foi levantada para isolar pacientes infectados e uma unidade própria de saúde da comunidade foi inaugurada, com cilindros de oxigênio para estabilizar

pacientes, enquanto também organizavam sua quarentena. Ao mesmo tempo combinaram o uso da medicina tradicional indígena, àquela que cura as doenças dos espíritos, com raízes e pajelança, com a medicina alopática (não indígena), que atua no combate as doenças do corpo. a médica também faz consultas e orientações de saúde pelo rádio, por meio da telemedicina, em aldeias próximas onde moram pessoas da mesma etnia (MONDARDO apud JUCÁ, 2020, p. 87).

Essa ação é um bom exemplo para ser disseminado nas terras indígenas do Brasil, as ações passam pelas mãos da comunidade se organizam de forma que contemple todas as necessidades.

2.2 O saber tradicional em tempos de pandemia

Tão antiga quanto as comunidades pré-colombianas a medicina tradicional está em constante evolução, o conhecimento das plantas medicinais está diretamente ligado a ancestralidade de cada coletivo indígena, o saber e o uso das ervas e outros materiais remetem a cosmologia de cada nação, este saber milenar é transmitido oralmente por gerações a gerações e também está ligado aos territórios tradicionais e atualmente é importante que o sistema de saúde esteja alinhado com o saber tradicional.

Esse talvez seja um dos maiores desafios aos sistemas nacionais de saúde na implementação desta racionalidade, visto que a medicina tradicional não comporta em si um rigor puramente científico e se constrói em um padrão, pois os saberes são herdados das vivências e das interações comunais e espirituais do mundo particular de cada povo (GONÇALVES *et al.* apud OMS, 2020, p. 5).

Era comum durante o século XX, em terras amazônicas agrupar indígenas em uma só localidade ou levar comunidades inteiras para outros lugares. O Serviço de proteção ao índio – SPI organizou vários polos de atração de indígenas em várias partes do estado de Rondônia, e isso causou um grande problema por

quê comunidades que conheciam suas farmácias a milhares de anos tiveram de reaprender a utilizar plantas que não eram do seu território, dentro do estado de Rondônia, os biomas mudam, quanto mais ao norte a floresta fica mais densa e quanto mais ao sul é possível ver um corredor de cerrado semelhante ao do estado vizinho, devido esta transição de cerrado para floresta amazônica plantas que se encontra em um lugar não é encontrada no outro, por isso foi e é um grande erro retirar comunidade indígenas de seus territórios tradicionais.

É inegável a eficácia da medicina tradicional ancestral, primeiro por que se não fosse eficaz não existiria indígenas até os dias de hoje, segundo por que diferente do que se pensa, as plantas, raízes, sementes entre outros são testados a milhares de anos, partindo do pressuposto da ciência, essa medicina foi amplamente testada e terceiro a própria ciência moderna afirma a eficácia de várias plantas para o tratamento de diversas doenças:

No Brasil, as recomendações internacionais são institucionalizadas por meio das políticas públicas. Marcos como a Política Nacional Atenção à Saúde População Indígena, e a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, aprovada por meio do Decreto Nº 5.813, de 22 de junho de 2006, reconhece a eficácia simbólica e empírica das medicinas tradicionais Indígenas e os direitos dos povos a sua cultura (BRASIL, 2002; BRASIL, 2006). Essas políticas são de caráter fundamental na construção de vínculos, experiências, fortalecimento e respeito as subjetividades e o entendimento do processo saúde-doença-cuidado, pois a procura pelos serviços de saúde estruturais nem sempre vai acontecer. (GONÇALVES *et al.* apud BRASIL, 2020, p. 5)

Mesmo assegurado no papel saber ancestral é respeitado em partes, dentro das terras indígenas ele é unificado com a medicina ocidental, mas fora nem sempre segue a cartilha. O Sistema Único de Saúde atua com esse saber, inicialmente o tratamento

das doenças começa no interior das terras indígenas com os curandeiros e se caso persistir é levado ao posto de saúde para o atendimento com os médicos e enfermeiros da Secretaria Especializada de Saúde Indígena - SESAI, e se caso o quadro se agravar e levado para um hospital público para o tratamento:

Os indígenas tratam as suas enfermidades primariamente através de redes familiares e comunitárias por onde os saberes e as práticas de cuidados tradicionais com a saúde estão amplamente difundidos (FERREIRA LO, 2013). E é neste cenário que os primeiros cuidados são estabelecidos para a recuperação do doente que também são tomadas as decisões quanto à busca de tratamento especializado, ou não, nisso, fortalecer o vínculo do cuidado e da ancestralidade é também desmitificar e ampliar o acesso à saúde dessa população. (GONÇALVES *et al.* apud FERREIRA. 2020, p. 5)

Em tempos de pandemia a medicina indígena enfrenta um novo paradigma, mas uma doença de branco atinge as comunidades, os primeiros cuidados são tomados pelos curandeiros, mas com a disseminação da COVID-19 pode representar um problema:

Contudo, em tempos de pandemia da COVID-19, os povos indígenas podem enfrentar algumas dificuldades nas suas práticas culturais, sobretudo na utilização da medicina tradicional. Dentre as dificuldades tem-se: o desafio de manter o isolamento social devido ao modo de vida e cultura da população, visto que os indivíduos doentes ou suspeitos pela contaminação do novo Coronavírus vão em busca do pajé para ter os cuidados à saúde (GONÇALVES *et al.* apud OPAS, 2020, p. 5)

Por isso se faz necessário a presença da SESAI, nas terras indígenas para deixar sempre bem informados para que ocorra um isolamento de forma correta para não contaminar os demais membros. Um contaminado pode mudar radicalmente o cotidiano do coletivo, historicamente é sabido que os indígenas trabalham em união o que facilitando a transmissão dessa doença.

Mesmo com todo o risco de contágio é preciso respeitar a cosmovisão de cada etnia, os seus ritos e crenças, ao analisar o documento observa-se que Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos-PNASPI, de “[...] todas as diretrizes da Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas é o respeito às concepções, valores e práticas relativos ao processo saúde-doença próprios a cada sociedade indígena e a seus diversos especialistas[...]” (BRASIL, 2002, p. 18). Dessa maneira é possível “[...]a articulação com esses saberes e práticas deve ser estimulada para a obtenção da melhoria do estado de saúde dos povos indígenas[...]” (BRASIL, 2002, p, 18):

Dessa forma, sabe-se que os povos indígenas têm sua própria cosmovisão e saberes ancestrais, bem como conhecem uma variedade de plantas medicinais para prevenir e curar enfermidades, que são usadas em resposta aos problemas de saúde que se manifestam nas aldeias e conseqüentemente são usados contra a COVID-19 com a finalidade de conter a disseminação da doença. Assim, utilizam as plantas medicinais que servem para doenças e infecções respiratórias mais simples e são estimulados a combater o vírus. Contudo, ainda não se sabe se alguma planta é eficaz para a nova doença do século XXI, mas as práticas dessa população devem ser respeitadas conforme as diretrizes da PNASPI (GONÇALVES *et al.* apud ACOSTA ML, 2020, p. 6).

Com todas as dificuldades nesta pandemia do COVID-19, a falta de interesse por parte do Governo Federal em promover ações nas terras indígenas, as comunidades resistem a mais um extermínio de seu povo. Agora não como no contato, com uma visão mais ampla da situação os povos traçam estratégias para resistir mais essa etapa. Não está sendo fácil para as minorias enfraquecida vencer o mandado do presidente e a pandemia, mas a luta continua.

Apesar do cenário avassalador o atual presidente com uma fala que gerou um grande problema, ele falava sobre a vacina da Pfizer

quando disse “Lá no contrato da Pfizer, está bem claro: nós (a Pfizer) não nos responsabilizamos por qualquer efeito secundário. Se você virar um jacaré, é problema seu” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2020). Para os demais brasileiros essa fala foi motivo de piada, virou meme nas redes sociais e muitas pessoas afirmavam que queria tomar a vacina logo para virar um jacaré, mas para população indígena essa fala gerou um grande impacto, diferente de nós na cosmologia indígena é possível que as pessoas virem literalmente um jacaré, isso fez com que houvesse uma resistência por parte dos anciões em tomarem as vacinas contra a COVID-19, o medo é real.

Para além da pandemia de Coronavírus, também é preciso combater a pandemia de notícias falsas que assola os territórios indígenas, pois mesmo com a vacina foi disseminado as mentiras sobre os efeitos colaterais, e assim a uma baixa adesão na vacinação. Então é preciso que as autoridades se informem antes de falar qualquer coisa, a responsabilidade de alguns indígenas não querer ser vacinado recai sobre a presidência.

2.3 O uso das mídias digitais como fonte de pesquisa

Em tempos atuais as fontes historiográficas estão em constante transformação e o historiador tem a obrigação de se atualizar constantemente, em tempos das notícias imediatas a internet se torna uma fonte para as pesquisas, com a pandemia ela se torna forte segura, pois as pesquisas podem ser feitas de dentro das suas residências sem correr o risco de se infectar com a COVID-19. Me refiro a fonte segura por que está livre do vírus, mas a atenção ao pesquisar tem que ser dobrada, na mesma velocidade que as notícias correm pela internet, as notícias falsas também se espalham.

Em tempos de *Fake News*, que é prefiro no caso desse estudo tratar as expressões como notícias falsas, pois a tradução se equivale ao português, é preciso checar e duvidar das fontes, ao mesmo tempo que ela está na rede pode ser excluída e nunca mais

ser acessada, tal atividade exige atenção e rigor do pesquisador. Neste trabalho denominamos como mídia digital, jornal online, blogs, revista digital e qualquer outra mídia de notícias que tem um rigor nas suas informações:

Pode ser considerada virtual toda entidade 'desterritorializada', capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa há algum lugar ou tempo particular (LÉVY, 1999). O Ciberjornalismo ou jornal praticado na internet, em teoria deve recorrer a técnicas diferentes do jornalismo tradicional impresso, mas há discussão que ele não passa do tradicional jornal impresso, categorizando apenas por ser online. Esse formato de jornal tem várias nomenclaturas, dentre elas, destaque: o Webjornalismo, Ciberjornalismo, Jornal Eletrônico, Jornalismo Online e Jornalismo Digital. (MARTINS apud LÉVY, 2019, p. 20)

Todas as informações da internet, jornais impressos e televisáveis precisam sempre ser questionada, há vários sites e blogs especializados em disseminar notícias falsas, sempre com interesse de confundir o leitor. Com o avanço e popularização das redes sociais foram criadas redes de desinformação, na rede social Whatsapp criam-se grupos em que membros compartilham notícias, e criou-se o hábito de uma grande parcela da população de acreditar nelas, a partir daí surge as verdades imutáveis da internet, é comum ver pessoas afirmarem que é verdade por que viu na internet. Há várias campanhas que incentivam a população para que sempre confirmem as fontes, procurar o site que publicou, mas ao que tudo indica essa tarefa exige mais que campanhas é necessário educação de qualidade.

As mídias digitais surgem como uma mídia alternativa em que foge as regras dos grandes jornais, geralmente são pequenas empresas que tem um público específico e fiel. Essas mídias trabalham com poucos recursos e funcionários, uma de suas maiores preocupações é em noticiar o mais rápido possível. Os grandes

grupos de jornalismo também se enveredaram na internet, a vários sites sérios de grande conglomerado jornalístico:

O jornal online nada mais é que uma versão de um jornal impresso, mas em sua maioria não pertencente á uma grande marca de jornal, pois possui publicação independente com responsabilidade de seus idealizadores, mas a credibilidade e o reconhecimento de uma marca forte de telejornais bem estabelecidos e as estreitas relações que possui com anunciantes são vistos por muitos na indústria de jornais como fatores de fortalecimento aumentando suas chances de sobrevivência. Outro fator óbvio, é que longe do processo de impressão vai diminuir os custos (MARTINS, 2019, p. 22)

Assim se estabelece as novas fontes historiográficas se utilizando das novas mídias o historiador conseguem trabalhar em meio a pandemia sempre com o rigor herdado da academia, mas sempre atento as novidades:

As últimas décadas do século XX presenciaram o florescimento de uma nova tipologia de fonte histórica, as fontes das mídias digitais. Para Richard Miskolci (2011, p. 12): Mídias digitais são uma forma de se referir aos meios de comunicação contemporâneos baseados no uso de equipamentos eletrônicos conectados em rede, portanto referem-se – ao mesmo tempo – à conexão e ao seu suporte material (CEZARINHO apud MISKOLCI, 2018, p. 320).

Desta maneira as mídias digitais ganham mais espaço e se colocam como opção nas pesquisas históricas, mesmo ainda tendo preconceito por uma parcela dos pesquisadores ela é uma realidade. Por um lado, hoje os trabalhos de professores são online e com a pandemia do novo Coronavírus o *home office* “trabalho em casa” se tornou realidade e assim vai ficar como uma das heranças desse período, por outro lado existe o ônus de se trabalhar em casa para algumas categorias.

2.4 A pandemia do COVID-19 no estado de Rondônia, infecção e letalidade entre os indígenas

Os dados utilizados referentes a quantidade de infectados e mortos pela COVID-19, foram utilizadas os da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira- COIAB e não do Painel COVID Rondônia da Secretaria de Estado da Saúde- SE-SAU, pois a SESAU só contabiliza a infecção e morte de indígenas aldeados não levando em consideração os indígenas que moram nas cidades. Apresentamos quadros disponibilizando informações sobre as etnias atingidas pela COVID, número de infectados e óbitos cruzando com notícias publicadas nas mídias digitais. Os quadros terão um espaço de tempo em média quinze dias entre uma e outra, tendo início no dia 2 de junho de 2020.

O primeiro caso de COVID-19, registrado no estado de Rondônia foi no município de Ji-paraná, localizado na região central, no dia 20 de março de 2020, pelo Centro de Informações Estratégicas de Vigilância em Saúde-CIEVS, da Agência Estadual de Vigilância em Saúde-AGEVISA. O caso foi considerado importado, o infectado não residia no município e estava hospedado em um hotel, estava a trabalho e vinha do estado de São Paulo.

Pouco mais de dois meses do primeiro caso de COVID, em terras rondonienses ocorreu os primeiros casos de infecção em indígenas, no dia 18 de maio de 2020, o portal de notícias G1 do estado de Rondônia, divulgava que os primeiros três casos ocorreram juntos:

O Conselho Distrital de Saúde Indígena (Condisi) de Rondônia confirmou os três primeiros casos do novo Coronavírus [...]. Conforme o conselho, eles foram infectados após irem para Porto Velho sacar o auxílio emergencial da Caixa Econômica Federal de R\$ 600. Os três indígenas têm 37, 40 e 50 anos e são do povo Karitiana. Eles chegaram a voltar à aldeia Caracol, que fica a cerca de 90 quilômetros de Porto Velho sentido Guajará-

Mirim, mas uma semana depois sentiram os primeiros sintomas da doença e precisaram retornar à capital (G1, 2020)

O auxílio emergencial foi uma ajuda de custo elaborada pela câmara dos deputados e aprovada pelo governo Federal, porém durante os dias de pagamento formavam enormes filas em frente os bancos que realizavam o pagamento, dessa forma as contaminações se potencializaram, indígenas saíam de suas terras e iam até as agências bancárias e passavam horas nas filas para receber o auxílio, assim como as outras pessoas se tornavam potenciais vítimas do vírus.

Uma semana depois da primeira contaminação entre os Karitiana, o G1, noticiou a primeira morte sendo nessa mesma etnia. No dia 25 de maio de 2020, falece um ancião Karitiana em decorrência de complicações pela COVID-19:

Rondônia registrou a primeira morte de indígena com o novo Coronavírus. Trata-se de um indígena da aldeia Karitiana Central, do povo Karitiana, que morreu por volta das 19h desta segunda-feira (25). A informação foi confirmada por Elivar Karitiana, vice-presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena (Condisi). A vítima, o líder indígena Gumerindo da Silva Karitiana, de 66 anos, era tio de Elivar. 'Confirmo sim. Ele estava com COVID-19. Estava entubado há dois dias. Morreu hoje [segunda-feira]', disse Elivar, emocionado (G1, 2020).

Neste momento os órgãos que trabalhavam com os povos indígenas se preocupavam com o avanço do vírus nas aldeias, mas isso não impediu novas infecções entre os povos indígenas de Rondônia. Era comum que a infecção pela COVID-19, em vários membros de uma etnia por que geralmente quando eles vêm a cidade, sempre são em grandes números.

No mês seguinte a primeira infecção e o primeiro óbito o vírus já tinha se espalhado entre três etnias no estado. Para uma melhor

compreensão da cronologia das infecções entre as etnias e os óbitos uma tabela informativa, utilizando dados da COIAB.

Quadro 1

	Etnias	Total
Casos confirmados	Karitiana. Zoro. Kanoê.	3
Óbitos	Karitiana (1). Mura (1).	2

Fonte: Informativos COIAB, do dia 2 de junho de 2020.

No dia dois de junho, era registrado duas mortes de indígenas e inúmeros infectados, a tragédia anunciada tomava forma, a todo momento era anunciado mais casos de infectados. No dia 19 de junho o G1, noticia mais um óbito. “O Conselho Indigenista Missionário-CIMI confirmou nesta sexta-feira 19 a morte de mais um indígena em decorrência do novo Coronavírus. A vítima é do povo Puruborá, em Rondônia. Com o novo óbito, sobe para três o número de mortes entre indígenas no estado” (G1, 2020).

Quadro 2

	Etnias	Total
Casos confirmados	Karitiana. Kanoê. Mura. Puruborá. Zoro.	5
Óbitos	Karitiana (2). Mura (1). Não identificado (1).	4

Fonte: Informativos COIAB, do dia 14 de junho de 2020.

No dia quatorze de junho já se contabilizava quatro óbitos entre os indígenas de Rondônia e o vírus já tinha avançado para cinco etnias. As mídias digitais noticiavam os números de mortos e as etnias contaminadas, mas não divulgavam ações para evitar o contágio nas aldeias, o governo do estado de Rondônia também não havia encontrado uma solução para as aglomerações em agências bancárias e todo mês no dia de receber o auxílio indígenas e a população enfrentava o risco de contágio nas portas das agências.

No dia 28 de junho é registrado o primeiro caso de COVID-19, na etnia Cinta larga no interior do estado. Novamente o G1, noticia o caso.

O Distrito Sanitário Especial Indígena-DSEI de Vilhena (RO) no Cone Sul do estado confirmou o primeiro caso de novo Corona-

vírus em um indígena da região na última sexta-feira 26. A idade do indígena não foi divulgada. O estado de saúde dele é estável. Entidades temem disseminação do novo Coronavírus nas aldeias. Segundo o DSEI, o indígena diagnosticado com a COVID-19 é da etnia Cinta Larga, do polo base de Cacoal-RO (G1, 2020).

As principais notícias da situação dos indígenas no estado de Rondônia foram divulgadas pelo portal G1-Rondônia. Nesta altura a COVID-19, já tinha avançado no estado de norte a sul, etnias de várias partes do interior apresentava relatos de infecção.

Quadro 3

	Etnias	Total
Casos confirmados	Arara. Cinta Larga. Karitiana. Kanoê e Mura. Puruborá. Zoro.	7
Óbitos	Arara (1). Karitiana (2). Mura (1). Puruborá (1). Não identificado (1).	6

Fonte: Informativos COIAB, do dia 30 de junho de 2020

A cada semana os casos se agravavam e mais etnias eram contaminadas, pouco mais de um mês e meio já somava sete etnias e seis motes, as principais ações de combate ao COVID-19, eram realizadas entre os próprios indígenas.

A pandemia chegava cada vez mais longe, o vírus adentrava a floresta Amazônia, os indígenas e quilombolas de Porto Rolim de Moura do Guaporé, afirmavam que os turistas estariam levando o vírus para a comunidade. No dia 13 de julho de 2020 é relatado a primeira morte na região:

A pandemia do novo Coronavírus registrou a primeira vítima da comunidade tradicional multiétnica Rolim de Moura do Guaporé, onde vivem indígenas e quilombolas, no município de Alta Floresta D'Oeste, em Rondônia, na fronteira com a Bolívia. Luciano Crispim, de 80 anos, morreu no domingo passado 12 enquanto era transferido com urgência em uma ambulância de Ariquemes pois precisava de uma Unidade de Terapia Intensiva UTI no hospital da capital Porto Velho. Luciano Crispim é reconhecido como indígena

Wajuru, pois chegou à comunidade criança, casou-se com Maria de Nazaré Wajuru e teve cinco filhos. Ela e um dos filhos do casal também estão infectados com a COVID-19, mas o tratamento é domiciliar (AMAZÔNIA REAL, 2020).

As etnias rondonienses sofrem muito, as terras indígenas não possuem hospitais com estrutura para atender os doentes, geralmente possuem um posto de saúde em que em determinadas épocas do mês médicos e enfermeiros fazem visitas, quando alguém precisa de um leito de Unidade de Terapia Intensiva – UTI, é preciso deslocar até a cidade mais próximo do território que tenha uma vaga. Durante o ano de 2017, o estado de Rondônia disponibilizava 174, leitos segundo a SESAU, em agosto de 2020 eram mais de 200 leitos, sendo 145, disponibilizados para a COVID-19, afirma a SESAU, os leitos estão distribuídos em sete cidades que são elas: Porto Velho, Ariquemes, Jaru, Ji-paraná, Cacoal, São Francisco e Vilhena.

Quadro 4

	Etnias	Total
Casos confirmados	Arara. Cinta Larga. Karitiana. Kanoê. Mura. Puruborá. Paiter Suruí. Wajuru. Zoro.	9
Óbitos	Arara (1). Cinta Larga (1) Karitiana (2). Mura (1). Puruborá (1). Wajuru (1). Não identificado (2).	9

Fonte: Informativos COIAB, do dia 15 de julho de 2020.

No dia 15 de julho, subia para nove etnias infectadas e havia um total de nove mortes. No dia 30 do mesmo mês o G1, publica: “Rondônia soma 412 casos da COVID-19 entre indígenas e doença avança por 13 povos” (G1, 2020).

Quadro 5

	Etnias	Total
Casos confirmados	Arara. Cinta Larga. Karitiana. Kanoê. Kassupa. Mura. Oro War. Paiter Suruí. Puruborá. Paiter Sakirabiat. Tupari. Wajuru. Zoro.	13
Óbitos	Arara (1). Cinta Larga (2) Karitiana (2). Mura (1). Puruborá (1). Paiter Sakirabiat (1). Wajuru (1). Não identificado (2).	11

Fonte: Informativos COIAB, do dia 28 de julho de 2020.

Em agosto deste mesmo ano a Fundação Nacional do Índio – FUNAI, divulgou que investiu mais de 27,5 milhões de reais em ações contra o Coronavírus em todo o Brasil, entre as ações eles afirmam ter entregado cestas básicas para os indígenas permanecerem nas aldeias e não correrem risco de contágio, também distribuíram kits para a higienização. Destaco que na pesquisa não foi encontrado notícias divulgando tais distribuições. E no dia 11 de agosto foi lançado o informativo.

Quadro 6

	Etnias	Total
Casos confirmados	Arara Karo. Cinta Larga. Karitiana. Kanoê. Kassupa. Mura. Oro War. Puruborá. Paiter Sakirabiat. Paiter Suruí. Tupari. Wajuru.	13
Óbitos	Arara Karo (1). Cinta Larga (4) Karitiana (2). Mura (1). Puruborá (1). Paiter Sakirabiat (1). Wajuru (1). Não identificado (4).	15

Fonte: Informativos COIAB, do dia 11 de agosto de 2020.

Treze dias do último boletim da COIAB, havia estabilizado o número de etnias contaminadas, mas o número de mortos e contaminados continuavam a subir. No dia 28 de agosto a mídia digital Expressão de Rondônia noticiava: “Em três dias, povo Paiter Suruí perde duas lideranças indígenas para a COVID-19 em RO” (EXPRESSÃO DE RONDÔNIA, 2020).

Quadro 7

	Etnias	Total
Casos confirmados	Arara Karo. Cinta Larga. Kanoê. Karitiana. Karipuna. Kassupa. Mura. Oro War. Puruborá. Paiter Sakirabiat. Paiter Suruí. Piripkura. Tupari. Wajuru.	15
Óbitos	Arara Karo (1). Cinta Larga (4) Karitiana (2). Mura (1). Paiter Suruí (1) Puruborá (1). Paiter Sakirabiat (1). Wajuru (1). Não identificado (7).	19

Fonte: Informativos COIAB, do dia 25 de agosto de 2020.

Os números de etnias atingidas voltavam a subir, o COVID, havia chegado a mais duas etnias e o número de mortos aumentado expressivamente, em quatorze dias morreram mais quatro indígenas. No dia primeiro de setembro a Folha de São Paulo noticiava que: “Povo paiter-suruí vê aumento de 240% nos casos de COVID-19 nas aldeias” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

Em uma semana, o povo paiter-suruí perdeu três lideranças em decorrência da COVID-19. Foram as três primeiras mortes registradas na Terra Indígena (TI) Sete de Setembro, em Rondônia, que até esta segunda feira 31 tinha 172 casos confirmados da doença em nove aldeias — um aumento de 240% em pouco mais de 15 dias, segundo a liderança da aldeia Lapetanha, Celso Lamitxab Suruí (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

Os casos entre os Suruí, deixou um alerta para todos, neste mesmo período a cidade de Cacoal-RO, também sofria com aumento de casos, os casos na cidade refletiam na Terra Indígena Sete de Setembro. O fácil acesso, com vias pavimentadas facilitavam o trajeto entre a cidade e o território. “Quarto indígena Paiter Suruí morre por COVID-19 em RO em menos de um mês” (G1, 2020).

Quadro 8

	Etnias	Total
Casos confirmados	Aikanã. Arara Karo. Cinta Larga. Kanoê. Karitiana. Karipuna. Kassupa. Mura. Oro War. Paiter Suruí. Piripkura. Puruborá. Paiter Sakirabiat. Tupari. Wajuru.	15

Óbitos	Aikanã (1). Arara Karo (1). Cinta Larga (5) Karitiana (2). Kanoê (1). Mura (1). Paiter Suruí (4) Puruborá (1). Paiter Sakirabiat (1). Wajuru (1). Não identificado (9)	27
---------------	--	----

Fonte: Informativos COIAB, do dia 9 de setembro de 2020.

Em pouco tempo os casos ampliaram, mais oito mortos e não dava indicio de que iria estabilizar ou diminuir os números de mortes: “Rondônia acumula 27 mortes e 1.279 casos de indígenas com COVID-19, aponta entidade” (G1, 2020).

Quadro 9

	Etnias	Total
Casos confirmados	Aikanã. Arara Karo. Cinta Larga. Kanoê. Karitiana. Karipuna. Kassupa. Mura. Oro War. Paiter Suruí. Parintintin. Piripkura. Puruborá. Paiter Sakirabiat. Tupari. Wajuru.	15
Óbitos	Aikanã (1). Arara Karo (1). Cinta Larga (5) Karitiana (2). Kanoê (1). Mura (1). Paiter Suruí (4) Puruborá (1). Parintintin (1) Paiter Sakirabiat (1). Wajuru (1). Não identificado (9).	28

Fonte: Informativos COIAB, do dia 22 de setembro de 2020.

Em meados de setembro de 2020, os óbitos e o número de etnias estabilizaram, mas isso não quer dizer que o contágio teve fim, era preciso muita atenção dentro das terras indígenas, pois o modo de vida desses povos facilitava a transmissão dentro as aldeias:

Os casos confirmados do novo Coronavírus entre os indígenas de Rondônia chegou a 1.305. O número corresponde ao levantamento computado até 21 de setembro de 2020 pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira-COIAB, divulgado na noite de terça-feira 22. Agora, são 28 mortes em decorrência da COVID-19 entre os povos na região. Outros 45 indígenas estão sob suspeita de infecção (G1, 2020).

Pouco mais de quatro meses da primeira infecção de COVID-19 entre os indígenas em Rondônia, 2,25% de todos os infectados eram indígenas, em meados de setembro já somavam 58 mil

rondonienses infectados, este número equivale uma cidade de médio porte no estado.

Quadro 10

	Etnias	Total
Casos confirmados	Aikanã. Arara Karo. Cinta Larga. Kanoê. Karitiana. Karipuna. Kassupa. Mura. Oro War. Paiter Suruí. Parintintin. Piripkura. Puruborá. Paiter Sakirabiat. Tupari. Wajuru	16
Óbitos	Aikanã (2). Arara Karo (1). Cinta Larga (5) Karitiana (2). Kanoê (1). Mura (1). Paiter Suruí (4) Puruborá (1). Parintintin (1) Paiter Sakirabiat (1). Wajuru (1). Não identificado (9)	29

Fonte: Informativos COIAB, do dia 6 de outubro de 2020.

A pandemia continuava e o número de infectados continuou aumentando, o número de mortos e de etnias estabilizaram mais uma vez, porém o número de infectados continuava subindo, o G1, noticia: “Coronavírus já infectou mais de 1,4 mil indígenas de 16 povos em Rondônia, diz entidade” (G1, 2020). Em pouco mais de vinte dias cerca de 100 indígenas é infectado no estado de Rondônia, quatorze dias depois o G1 volta anunciar: “Chega a 30 o número de mortes de indígenas por COVID-19 em RO; infecções passam de 1,5 mil”. (G1, 2020).

Quadro 11

	Etnias	Total
Casos confirmados	Aikanã. Arara Karo. Cinta Larga. Kanoê. Karitiana. Karipuna. Kassupa. Mura. Oro War. Paiter Suruí. Parintintin. Piripkura. Puruborá. Paiter Sakirabiat. Tupari. Wajuru	16
Óbitos	Aikanã (2). Arara Karo (1). Cinta Larga (5) Karitiana (2). Kanoê (1). Mura (1). Paiter Suruí (4) Puruborá (1). Parintintin (1). Paiter Sakirabiat (1). Wajuru (1). Não identificado (10).	30

Fonte: Informativos COIAB, do dia 10 outubro de 2020.

Durante o mês de outubro se mantem a estabilidade de óbitos e etnias contaminadas, mas também mantém a média de 100

infectado a cada quinze dias. A cada mês cresce o número de contágio, fazendo uma média dos meses anteriores, cerca de 200 indígenas são contaminados a cada mês. Dezesete dias depois do último quadro, 6 de novembro, permanece a estabilidade, não teve aumento no número de óbitos ou de etnias contaminadas, algo bom para as comunidades. Nas próximas datas previstas para os informativos da COIAB, não foram divulgados dados. No último mês de 2020, a pandemia continuava, o G1 noticiava que “Suruí e Cinta Larga são os povos indígenas mais atingidos pela COVID-19 em Rondônia” (G1, 2020).

Conforme levantamento feito até esta quarta-feira 16, 204 indígenas Suruí e 156 Cinta Larga testaram positivo para o novo Coronavírus. Na sequência vem a etnia Oro Nao, em que 128 estão confirmados com a doença. Entre os municípios do estado que mais registraram casos de COVID-19 em indígenas estão: Guajará-Mirim, Cacoal, Espigão do Oeste, Porto Velho, Ji-Paraná e Nova Mamoré (G1, 2020).

Em dezembro de 2020, as vacinas começavam a ser aplicada em alguns países, como Rússia, Reino Unido e Estados Unidos da América, mas no Brasil continuava o negacionismo por parte da presidência. A população continuava sendo infectada e morrendo enquanto o ministério da saúde insistia no tratamento precoce que não havia comprovação científica.

Quadro 12

	Etnias	Total
Casos confirmados	Aikanã. Arara Karo. Cinta Larga. Kanoê. Karitiana. Karipuna. Kassupa. Mura. Oro War. Paiter Suruí. Parintintin. Piripkura. Puruborá. Paiter Sakirabiat. Tupari. Wajuru	16
Óbitos	Aikanã (2). Arara Karo (1). Cinta Larga (5) Karitiana (2). Kanoê (1). Mura (1). Paiter Suruí (6) Puruborá (1). Parintintin (1). Paiter Sakirabiat (1). Wajuru (1). Não identificado (10).	31

Fonte: Informativos COIAB, do dia 15 de janeiro de 2021.

Foram quase dois meses de estabilidade sem registro de óbitos e novas etnias infectadas, mas em janeiro foi registrado um novo óbito. “O número de casos confirmados do novo Coronavírus entre os indígenas de Rondônia chegou a 1.796. Isso corresponde ao levantamento computado até 14 de janeiro de 2021 [...]” (G1, 2021).

Quadro 13

	Etnias	Total
Casos confirmados	Aikanã. Arara Karo. Cinta Larga. Kanoê. Karitiana. Karipuna. Kassupa. Kampé. Makurap. Mura. Oro War. Paiter Suruí. Parintintin. Piripkura. Puruborá. Paiter Sakirabiat. Tupari. Wajuru	18
Óbitos	Aikanã (2). Arara Karo (1). Cinta Larga (5) Karitiana (2). Kanoê (1). Kampé (1). Makurap. (1). Mura (1). Paiter Suruí (6) Puruborá (1). Parintintin (1). Paiter Sakirabiat (1). Wajuru (1). Não identificado (12).	35

Fonte: Informativos COIAB, do dia 26 de janeiro de 2021.

Na última quinzena do mês de janeiro volta a subir os casos de infecção, morte e de etnias contaminadas, duas novas etnias foram infectadas e quatro indígenas vieram a óbito. O G1 noticia a morte do jovem estudante da Universidade Federal de Rondônia: “O indígena Orowao Pandran Canoé Oro Mon, morreu vítima da COVID-19 na quarta-feira 27 em Porto Velho. Ele seria um dos pacientes transferidos para tratamento em Curitiba-PR”. Essa perda foi muito sentida entre a comunidade indígena e acadêmica, Pandran era uma jovem liderança e exercia sua boa influência entre a comunidade.

No 19 de janeiro de 2021, é vacinado o primeiro indígena no estado de Rondônia, a vacina usada na ocasião foi a CoronaVac, vacina chinesa com parceria com o Instituto Butantan. “O indígena Elivar Karitiana, de 37 anos, também foi convidado para ser um dos primeiros vacinados contra o Coronavírus em Rondônia” (G1, 2021). Mesmo com a chegada da vacina não foi disponibilizada de imediato a toda comunidade indígena.

Quadro 14

	Etnias	Total
Casos confirmados	Aikanã. Arara Karo. Cinta Larga. Kanoê. Karitiana. Karipuna. Kassupa. Kampé. Juma. Makurap. Mura. Oro War. Paiter Suruí. Parintintin. Piripkura. Puruborá. Paiter Sakirabiat. Tupari. Wajuru	18
Óbitos	Aikanã (2). Arara Karo (1). Cinta Larga (5). Karitiana (2). Kanoê (2). Kampé (1). Makurap. (1). Mura (1). Paiter Suruí (6). Puruborá (1). Parintintin (1). Paiter Sakirabiat (1). Wajuru (1). Não identificado (13).	38

Fonte: Informativos COIAB, do dia 18 de fevereiro de 2021.

Um mês após o início da vacinação em comunidades indígenas continuou o aumento de infectados e veio a óbito mais três pessoas. A pandemia continua e os casos sobem a cada dia. O recorte da pesquisa se encerra no dia 18 de fevereiro de 2021, constando 2.174 infectados e 38 óbitos. Esta monografia se encerra aqui, mas a pesquisa não está fechada é necessário que continue as investigações para um próximo trabalho enquanto houver os impactos dessa pandemia é preciso investigar.

3 Considerações

O estudo demonstrou que a taxa de contaminação pela COVID 19 entre os indígenas de Rondônia supera em muito a vivenciada entre a sociedade abrangente, novamente, reedita-se história e trajetória de extermínio. O pano de fundo para o descaso? A política de ocupação das terras indígenas, assim, as doenças são mais uma das armas para expulsar os povos ancestrais de suas territorialidades, o que nos faz refletir sobre o modo em que os ditos “civilizados” vivem, ou seja, nossos saberes levam enganosamente a crer que a vida e o futuro está a venda, todavia, como ensina Ailton Krenak, o futuro não está a venda.

Viver bem é saber viver, aprender e ensinar para além dos descompassos construídos por nós acerca das relações com a natureza, viver bem é ter saúde, o COVID 19 pode ter ensinado algo, ou seja, o que mais importa não é vendável, os povos indígenas seguem a nos ensinar como (re) existir à doença, como ler a saúde e a morte, como viver melhor em harmonia com o meio que nos circunda, só precisamos aprender!

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Carlos. Em três dias, povo Paiter Suruí perde duas lideranças indígenas para a COVID-19 em RO. *Expressão de Rondônia*, Porto Velho-RO, 28 ago. 2020. Disponível em: <https://expressaorondonia.com.br/em-tres-dias-povo-paiter-suruui-perde-duas-liderancas-indigenas-para-a-covid-19-em-ro/>. Acesso em: 24 set. 2020.

ARQUIVO TEATRO MARIA MATOS. Conferência de Eduardo Viveiros de Castro em Lisboa. [S.l.: s.n.], 17 mai. 2017. 1 vídeo (100 min.). Publicado pelo canal Arquivo Teatro Maria Matos. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=I98nNx5S6HQ>. Acesso em: 15 maio 2021.

BRASIL. *Fundação Nacional de Saúde: Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas*. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde, 2002. Disponível: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_saude_indigena.pdf. Acesso em: 14 jun. 2021.

CARLI, Felipe Augusto Vicari de. *Os vivos mortos e os mortos vivos: uma antmetábole para o nosso tempo*. Florianópolis-SC: UFSC, 2014. Disponível: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/20364>. Acesso em 16 mai. 2021. Acesso em 3 mai. 2021.

CARVALHO, Jefferson. Profissionais da saúde e indígena são os primeiros vacinados contra a COVID-19 em Rondônia. *G1*, Porto Velho-RO, 19 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2021/01/19/profissionais-da-saude-indigena-sao-os-primeiros-vacinados-contr-a-covid-19-em-rondonia.ghtml> Acesso em: 2 jun. 2021.

CASTRO, Eduardo Viveiro de. No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é. In: ISA – Instituto Socioambiental. São Paulo, 2006. Disponível: https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_institucional/No_Brasil_todo_mundo_%C3%A9_%C3%ADndio.pdf. Acesso em: 18 nov. 2020.

CEZARINHO, Filipe Arnaldo. História e fontes da internet: uma reflexão metodológica. *Temporalidades – Revista de História*. Belo Horizonte, v. 10, n. 1, jan. /abr. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5878> Acesso em: 8 jun. 2021

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Bolsonaro sobre a vacina da Pfizer: Se você virar jacaré, é problema seu. *Diário de Notícias*. Lisboa, 18 dez. 2020. Disponível em: <https://www.dn.pt/mundo/bolsonaro-sobre-a-vacina-de-pfizer-se-voce-se-transformar-num-jacare-e-problema-e-seu-13155253.html> Acesso em: 22 abr. 2021.

DOENÇA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/doenca/> Acesso em: 29 abr. 2021.

GARNELO, Luiza; BUCHILLET, Dominique. Taxonomias das doenças entre os índios baniwa (arawak) e desana (tukano oriental) do alto rio negro (brasil). *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre - RS, ano 12, n. 26, p. 231-260, jul./dez. 2006. Disponível: <https://www.scielo.br/j/ha/a/hGjgbPtJ6F8Ypk9ktKDvm5Q/?lang=pt#>. Acesso em: 16 maio 2021. Acesso em 5 mai. 2021.

G1. Cada vez mais, o índio é um ser humano igual a nós', diz Bolsonaro em transmissão nas redes sociais. *G1*, São Paulo, 24 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/24/cada-vez-mais-o-indio-e-um-ser-humano-igual-a-nos-diz-bolsonaro-em-transmissao-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 22 abr. 2021.

G1. Chega a 30 número de mortes de indígenas por COVID-19 em RO: infecções passam de 1,5 mil. *G1*, Porto Velho-RO, 10 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/natureza/amazonia/noticia/2020/10/17/chega-a-30-numero-de-mortes-de-indigenas-por-COVID-19-infecoes-passam-de-15-mil.ghtml> Acesso em: 2 jun. 2021.

G1. Coronavírus já infectou mais de 1,4 mil indígenas de 16 povos em Rondônia, diz entidade. *G1*, Porto Velho-RO, 3 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/natureza/amazonia/noticia/2020/10/03/Coronavirus-ja-infectou-mais-de-14-mil-indigenas-de-16-povos-em-rondonia-diz-entidade.ghtml> Acesso em: 2 jun. 2021.

G1. Mais um indígena morre por COVID-19 em Rondônia. *G1*, Porto Velho-RO, 19 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/natureza/amazonia/noticia/2020/06/19/mais-2-indigenas-morrem-por-COVID-19-em-rondonia.ghtml> Acesso em: 29 mar. 2021.

G1. Mais um indígena morre por COVID-19 em Rondônia. *G1*, Porto Velho-RO, 19 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/05/18/rondonia-registra-tres-primeiros-casos-do-novo-Coronavirus-entre-indigenas.ghtml> Acesso em: 24 set. 2020.

G1. RO registra primeira morte de indígena com COVID-19. *G1*, Porto Velho-RO, 25 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/natureza/amazonia/noticia/2020/05/25/ro-registra-primeira-morte-de-indigena-com-COVID-19.ghtml> Acesso em: 29 mar. 2021.

G1. Rondônia registra mais de 1,7 mil casos COVID-19 entre indígenas e chega a 31 mortes, aponta Coiab. *G1*, Porto Velho-RO, 18 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/natureza/amazonia/noticia/2021/01/18/rondonia-registra-mais-de-17-mil-casos-COVID-19-entre-indigenas-e-chega-a-31-mortes-aponta-coiab.ghtml> Acesso em: 02 jun. 2021.

G1. Rondônia passa de 1,3 mil casos de indígenas com COVID-19 e soma 28 mortes, aponta entidade. *G1*, Porto Velho-RO, 23 ago. 2020. Disponível

em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/natureza/amazonia/noticia/2020/09/23/rondonia-passa-de-13-mil-casos-de-indigenas-com-COVID-19-e-soma-28-mortes-aponta-entidade.ghtml> Acesso em: 2 jun. 2021.

G1. Rondônia registra três primeiros casos do novo Coronavírus entre indígenas. *G1*, Porto Velho-RO, 18 mai. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/05/18/rondonia-registra-tres-primeiros-casos-do-novo-Coronavirus-entre-indigenas.ghtml> Acesso em: 29 mar. 2021.

G1. Rondônia soma 412 casos da COVID-19 entre indígenas e doença avança por 13 povos. *G1*, Porto Velho-RO, 30 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/natureza/amazonia/noticia/2020/07/30/rondonia-soma-412-casos-da-COVID-19-entre-indigenas-e-doenca-avanca-por-13-povos.ghtml> Acesso em: 29 mar. 2021.

G1. Suruí e Cinta Larga são os povos indígenas mais atingidos pela COVID-19 em Rondônia. *G1*, Porto Velho-RO, 12 dez. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/12/16/surui-e-cinta-larga-sao-os-povos-indigenas-mais-atingidos-pela-COVID-19-em-rondonia.ghtml>. Acesso em: 2 jun. 2021.

GONÇALVES, José Erivaldo. *et al.* Medicina tradicional indígena em tempos de pandemia da COVID-19. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, São Paulo, 10 out. 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/4713> . Acesso em: 16 maio 2020

IFRO CAMPUS CACOAL. Diálogo Intercultural - Povos indígenas e a COVID-19. 14 abr. 2021. 1 vídeo (115 min.). Publicado no canal IFRO Campus Cacoal. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=o5h7rGSUK8s&t=2873s>. Acesso em: 15 maio 2021.

MARTINS, Leandro Demeu. *A luta pela terra: um estudo a partir das mídias digitais de*

MENDONÇA, Lena. Indígena do povo Canoé morre vítima da COVID-19 em RO. *G1*, Porto Velho-RO, 28 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2021/01/28/indigena-do-povo-canoee-morre-vitima-da-COVID-19-em-ro.ghtml>. Acesso em: 2 jun. 2021.

MONDARDO, Marcos. Povos indígenas e comunidades tradicionais em Tempos De pandemia Da COVID-19 no brasil: Estratégias De Luta e r-existência. *Finisterra*, Lisboa, Portugal, 11 nov, 2020. Disponível: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/20364>. Acesso em 16 mai. 2021.

MOURA, Maríndia. Vilhena registra primeiro caso de COVID-19 em indígena. *G1*, Porto Velho-RO, 28 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/06/28/vilhena-registra-primeiro-caso-de-COVID-19-em-indigena.ghtml>. Acesso em: 24 set. 2020.

OLIVEIRA, Luciana. Comunidade de indígenas e quilombolas registra primeira morte por COVID-19 em Rondônia. *In: AMAZÔNIA Real*, Porto Velho-RO, 13 jul. 2020. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/comunidade-de-indigenas-e-quilombolas-registra-primeira-morte-por-COVID-19-em-rondonia/> Acesso em: 29 mar. 2021.

OLIVEIRA, Magda. Quarto indígena Paiter Suruí morre por COVID-19 em RO em

menos de um mês. G1, Cacoal-RO, 18 mai. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2020/05/18/rondonia-registra-tres-primeiros-casos-do-novo-Coronavirus-entre-indigenas.ghtml>. Acesso em: 24 set. 2020.

PRESTES, Monica. Povo païter-suruí vê aumento de 240% nos casos de COVID-19 nas aldeias. *Folha de São Paulo*, Manaus-AM, 1 set. 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/povo-païter-surui-ve-aumento-de-240-nos-casos-de-COVID-19-nas-aldeias.shtml>. Acesso em: 24 set. 2020.

Rondônia. UNIR, Rolim de Moura, 28 mar. 2019. Disponível em: <http://ri.unir.br/jspui/handle/123456789/2803>. Acesso em 6 jun. 2021.

Data de submissão: 06 de julho de 2021

Data de aprovação: 02 de setembro de 2021

